Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 193
23 de fevereiro de 2013

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos.

Vamos continuar aqui com essas questões do Louis Lavelle até o curso em maio¹, quando concluirei e resumirei. O foco no curso vai ser um pouco diferente, mas evidentemente eu vou aproveitar todo este material que dou para vocês aqui também. Hoje temos dois textos. Um é do livro *O Erro de Narciso*, do qual existe uma edição brasileira. Como não tenho esta edição ainda, fiz uma tradução só para uso no curso.

É bom saber que as obras do Lavelle se dividem em:

- 1) Obras do sistema de metafísica que são *De l'Être, De l'Acte, [Du Temps et de l'Eternité e De l'Âme Humaine]*;
- 2) uma série que ele chama de *Obras Morais*, que são escritos levemente mais populares;
- 3) uma série de crônicas sobre autores filosóficos publicadas no jornal *Le Temps* durante mais de dez anos, no qual ele fazia uma coluna semanal sobre livros de filosofia e questões filosóficas da atualidade;
- 4) E, por fim, algumas obras que são fragmentos, sobretudo de ordem confessional, como *As Cadernetas de Guerra* e outros escritos que estão espalhados aí – inclusive tem um que saiu pela primeira vez na revista *Presença Filosófica no Brasil*.

O mais fácil é evidentemente começar pelas obras que ele chamava de *Obras Morais*, cujas implicações filosóficas mais profundas depois vocês encontram nas obras da série *Dialética de Eterno Presente e A Presença Total*. Porém, a facilidade aparente destes textos das *Obras Morais* é um pouco enganosa, porque tudo ali está subentendendo todo o sistema filosófico de Louis Lavelle. Ele serve de introdução, sem que você se esqueça de que a introdução sempre introduz alguma coisa, que tem sempre algo por trás daquilo.

O que vamos fazer hoje é ler um desses textos, bem curtinho, e mostrar algumas implicações, ou seja, o que Lavelle está deixando subentendido no texto. Após a leitura, comentarei.

Em face de outrem, a sinceridade é um esforço para abolir toda diferença entre nosso ser real e nosso ser manifestado; mas a verdadeira sinceridade é sinceridade ante si mesmo; ela consiste não propriamente em mostrar o que se é, mas em encontrá-lo. Ela exige que, para além de todos os planos superficiais da consciência, onde não fazemos senão experienciar estados, nós penetremos até àquela região misteriosa onde nascem aqueles desejos profundos e consentidos que dão a toda a nossa vida o seu ponto de ligação com o absoluto. Pois o olhar que dirigimos a nós mesmos produz em nós os melhores efeitos ou os piores conforme o objeto para o qual se volta e conforme a

¹ Curso “Introdução à filosofia de Louis Lavelle, de 6 a 11 de maio, Colonial Heights, EUA.

intenção que o dirige. Ou ele não toma em consideração senão os nossos estados, para os quais ele mostra sempre demasiada complacência, ou então ele remonta à fonte deles e nos liberta da sua escravidão.

O próprio da sinceridade é obrigar-me a ser eu mesmo, isto é, a tornar-me eu mesmo aquilo que sou. Ela é uma busca da minha própria essência, que começa a adular-se desde que empresto do exterior os motivos que me fazem agir. Pois essa essência não é jamais um objeto que eu contemple, mas uma obra que realizo, o chamado à ação de certas potências que estão em mim e que murcham tão logo cesso de exercê-las.

A sinceridade é portanto um ato indivisível de entrada em si e de saída de si, uma busca que é já uma descoberta, um engajamento que já é ultrapassagem, uma espera que é já um apelo, uma abertura que é já um ato de fé ante uma revelação sempre latente e sempre prestes a surgir. Ela é o traço de união entre o que sou e o que quero ser.

Pode-se dizer que ela é uma virtude do coração e não da inteligência. “Lá onde está o vosso coração, aí está o vosso verdadeiro tesouro.” O que basta a explicar por que a sinceridade traz sempre mais riqueza do que as mais resplandecentes mentiras.

Este texto está tão cheio de implicações para quem leu os outros textos do Lavelle, que isto é um prodígio de compressão. Podemos dizer que, se não toda, mas pelo menos metade da filosofia de Louis Lavelle está aqui comprimida. De maneira que o leitor recém-chegado não percebe, e a coisa passa facilmente. O texto não tem nenhuma dificuldade intrínseca. Mas, na verdade, ele oculta muitas dificuldades.

A primeira dificuldade é que ele sugere que devemos penetrar até “*aquela região misteriosa onde nascem aqueles desejos profundos e consentidos*”.

A imagem normal que se tem do ser humano, na nossa cultura, é a de uma espécie animal, que ocupa um certo lugar dentro da escala evolutiva, que ocupa um lugar dentro de um planeta e de um sistema solar, e que vive sob um conjunto de determinações físicas que fazem com que ele tenha determinadas proporções, determinados órgãos, determinadas capacidades etc. A principal ocupação desta criatura é evidentemente a sua própria subsistência: a comida e a procriação, a subsistência do indivíduo e a subsistência da sua espécie.; e dentre as muitas funções de que necessita para isso, existem certas funções que são ditas cerebrais, ou subjetivas (pensamento, imaginação, memória etc.); e dentro deste vasto quadro – primeiro o círculo das condições naturais, depois, dentro disso, as funções cerebrais –, tem um subconjunto dentro das funções cerebrais que se chama emoções. Subentende-se que esta atividade subjetiva nasce evidentemente do quadro das condições físicas, naturais, nas quais vive esta criatura. Essa é a imagem que se tem na nossa cultura e que é reproduzida em toda mídia, nas escolas etc.

Porém, o fato é que esta não é a imagem espontânea que cada pessoa tem de si mesma. Ninguém, quando se relaciona com outro ser humano, se relaciona com um membro de uma espécie animal, que vive num quadro físico com tais e quais características. Isto quer dizer que a vida subjetiva que, na referência cultural vigente, é vista como uma espécie de pequeno subproduto de dentro de um vasto conjunto de condições naturais, na experiência direta ela é o primeiro elemento que surge. Quando você se encontra com outro ser humano, você nunca vai reparar primeiro apenas na sua condição física, ou seja, todo e qualquer ato, todo e qualquer gesto, toda e qualquer expressão do ser humano tem um significado para você. É isto que aparece primeiro. Ora, para entender esta perspectiva do Louis Lavelle, temos de inverter a referência cultural vigente e entender que a relação entre superfície e profundidade, tal como aparece na cultura, é inversa no campo da experiência real humana.

Na imagem cultural, podemos acreditar que os nossos desejos e impulsos surgem de mecanismos fisiológicos, que estão condicionados por sua vez a um quadro físico circundante. Esta base física (os instintos, os reflexos condicionados etc.) se torna nesta perspectiva a causa dos estados interiores, das emoções etc. Ou seja, as emoções seriam a superfície e os mecanismos fisiológicos seriam o fundo. Isto quer dizer que, em princípio, todo e qualquer estado interior humano, tudo o que se passa dentro da vida subjetiva poderia ser [0:10] remetido a um mecanismo físico que está subentendido ali. Isto significa que, do ponto de vista da referência cultural vigente, toda a subjetividade humana é apenas uma superfície da qual a realidade fisiológica é o fundo, você vai explicar os estados interiores por instintos ou por reflexos condicionados.

Isto é o que se ensinam em todas as escolas e é assim que as pessoas acreditam que seja. Porém elas só acreditam na hora que estão na escola porque, na convivência real humana, o que aparece em primeiro lugar é a vida subjetiva. Inclusive esses dados da vida subjetiva são de fato a primeira coisa que você repara numa pessoa que acaba de conhecer: ela sempre tem uma expressão, sempre está desempenhando uma função, está comunicando alguma coisa pela sua própria postura física, pelo seu olhar etc. É isto que você repara em primeiro lugar, e não o mecanismo psicofísico.

Isto acontece porque esta concepção, por assim dizer, “científica” do homem não é extraída da experiência direta, mas é um recorte abstrativo feito da confluência de várias ciências que delimitam o seu campo de observação a estes aspectos e criam então esta imagem para seu uso. Isto quer dizer que, na nossa cultura em geral, a relação entre superfície e profundidade é dada de uma maneira inteiramente artificial, ou artificiosa, de modo que você busque explicações científico-naturais para condutas humanas e acredite que essa explicação é a camada mais profunda, ao passo que tudo aquilo que se passa na sua subjetividade seja como que uma casca ilusória, um véu ilusório. A facilidade com que as pessoas recorrem às explicações genéticas ou neurofisiológicas para explicar condutas humanas – e o fazem inclusive na vida cotidiana, apelam a essas explicações – revela que é mais fácil você lidar com esta referência cultural do que lidar diretamente com a sua experiência subjetiva. As pessoas não têm instrumentos para lidar com a experiência subjetiva, então apelam para conceitos que são padronizados e que, como se aplicam universalmente a todos os seres humanos, não se referem especificamente a este ou aquele.

Quando Lavelle diz que temos de buscar a raiz mais profunda dos nossos estados, temos de procurar aqueles desejos mais profundos e consentidos, essa operação é inversa do que normalmente se faz. Ou seja, não temos de procurar uma explicação genérica científica para aquilo que estamos fazendo, não: temos de observar a experiência real tal como ela se apresenta realmente na nossa vida concreta. E essa operação é enormemente mais difícil e intelectualmente muito mais relevante do que qualquer explicação científica que você encontra em manuais de neurofisiologia, de genética, de psicologia etc. Isto quer dizer que, na maior parte dos casos, o apelo a essas explicações científicas é uma fuga em relação à experiência real. O indivíduo não é realmente capaz de se conhecer e de conhecer o outro, mas ele pode facilmente apelar a uma explicação científica que já vem pronta, que é genérica e serve para a todos os seres humanos, como se fosse um número de sapato igual para todos.

A penetração dessa influência científica na vida cotidiana cria entre os seres humanos uma rede de preconceitos e perversões terrível, porque você começa a explicar a conduta dos outros por tal ou qual elemento que colheu na imprensa científica, na mídia e que lhe parece resolver o problema! Então determinadas condutas podem ser facilmente explicadas pela falta de uma substância, ou por um reflexo condicionado, ou por algo que você denomina trauma de infância, ou por qualquer outra explicação desse tipo. Nada disso corresponde a um conhecimento por experiência, tudo isso é

apenas uma manipulação de conceitos prontos. O que ele está sugerindo aqui é exatamente o contrário: temos de nos aprofundar na nossa experiência real.

Agora, quando ele diz que os desejos mais profundos são os desejos consentidos, isto quer dizer que aquilo que mais caracteriza você é aquilo que você quer ser. Ou seja, é uma imagem que você criou livremente, que escolheu livremente e que, portanto, não reflete nem as influências genéticas, nem as influências culturais, nem todas as predisposições corporais que você possa ter, mas uma escolha livre. Essa escolha livre é a única coisa realmente individualizada em você, porque temos vários elementos que não são individuais, que vêm da nossa família, da nossa genética, do meio, da língua na qual falamos etc. Tudo isso aí está em mim, mas eu não afirmo que seja eu.

O que é *eu* propriamente dito? É aquilo que livremente escolhi. É aí que está, segundo ele, a parte mais profunda. E o resto? São elementos que esta parte profunda encontra no seu caminho e dos quais ela vai tentar se utilizar como instrumentos para se realizar na vida exterior. Instrumentos que, por sua vez, são também obstáculos e dificuldades. Por exemplo, eu posso ter determinados planos, posso querer ser determinada pessoa, mas a minha pré-disposição genética vai em sentido contrário ou a educação que recebi não é própria para aquilo, não me dá os elementos próprios daquilo. Todo esse material que encontramos e que está, por assim dizer, na concepção científica do ser humano, todos eles existem e estão presentes de algum modo, mas não são *eu*. E se procurar minha explicação neles, estou invertendo a situação: estou tentando me explicar pelo que é impessoal e genérico em mim e não por aquilo que me é individual, que é particular e que me caracteriza como pessoa capaz de dizer a palavra *eu*.

Note bem que existe popularmente, por assim dizer, certa ojeriza à palavra *eu*. Lembro-me de que certos autores totalmente diferentes, como René Guénon e Graciliano Ramos, eram muito louvados, pois jamais diziam a palavra *eu*. Isso pode parecer muito bonito, mas quando Moisés pergunta a Deus quem Ele é, Ele não responde: *Nós somos nós*, Ele diz: *Eu sou Aquele que Sou*. Quer dizer que a palavra *eu* é uma palavra divina, e o fato de podermos dizer a palavra *eu*, de estarmos totalmente personalizados, é o que nos caracteriza e que nos diferencia de todas as demais espécies animais. Essa diferença é imediatamente acessível a toda a experiência humana, porém não existe uma ciência natural disto, uma ciência natural não pode lidar com nenhum fenômeno concreto (já expliquei isto em outras aulas).

A ciência não lida jamais com realidade concreta, porém, na vida real, estamos lidando o tempo todo com realidades concretas, e nós mesmos somos uma realidade concreta para nós; sendo que realidade concreta é aquilo que acontece com a confluência de todas as causas essenciais e os acidentes necessários para produzi-lo, formando um todo complexo que não tem como ser apreendido conceitualmente mas que, na prática, você pega perfeitamente. Ou seja, entendemos perfeitamente certas situações concretas que não conseguiríamos jamais explicar ou descrever, e a prova de que entendemos é que conseguimos reagir a elas. Por exemplo, quando uma pessoa olha para você de determinada maneira, e você imediatamente entende que ela está ou desconfiada ou triste com você, se você disser “prove isto”, eu lhe digo: pode fazer todos os testes do mundo, você não vai conseguir provar isto, no entanto você capta isto, e isto corresponde à realidade da situação. Este conhecimento imediato que temos de mesmos é o verdadeiro ponto de partida para o autoconhecimento mais profundo. Claro que você pode também usar instrumentos que captou das ciências, naturais ou sociais, mas são apenas instrumentos, às vezes são vocabulários que você usa. Porém, a experiência concreta é a base de tudo.

Também ele está supondo aqui uma diferença entre uma essência e uma manifestação. Ou seja, existe uma realidade interior muito profunda a qual só você tem acesso e existe a manifestação

exterior. A manifestação exterior tem de se utilizar dos instrumentos que você encontra no [0:20] mundo à sua volta e que você conte consigo mesmo, inclusive com a sua própria disposição genética, sua educação, etc. – são os instrumentos que você tem. E dentro disso existe então um núcleo essencial que é aquele de onde brota justamente a palavra *eu* e no qual você se reconhece.

Aqueles que fizeram o exercício do necrológio devem ter bastante claro aquilo do que eu estou falando: aquilo que você quer ser. Você sabe que, na nossa sociedade, se perguntar quem você quer ser, as pessoas respondem com o nome de profissão, ou seja, com uma generalidade sociológica. E daí você diz: não foi isso que eu perguntei, e sim *quem* você quer ser. Se você tentar explicar esse “quem você quer ser” em termos de qualidades, você verá que também não consegue. O único jeito de expressar isso é em forma narrativa: você vai inventar uma história, e esta será a sua história. E essa história não tem como ser conceptualizada, ou seja, expressa em termos de qualidades estáticas. Os nomes das qualidades estáticas servirão para uma infinidade de outras pessoas, e mesmo que você cruze as várias qualidades estáticas, você não consegue chegar a se definir, ao passo que a história imaginária o individualiza perfeitamente: sou sujeito que fez isto e mais aquilo e mais isto e aquilo.

Por isso que eu recomendo que voltem ao exercício do necrológio de tempos em tempos, para aprofundá-lo, porque, à medida que o tempo passa, você vai tentando realizar o que queria. E na medida em que tenta realizar, o seu próprio projeto, sua idéia vai se modificando, vai se aprofundando. Às vezes aprofundando-se criticamente no sentido de ver que você, na verdade, se afastou daquilo, que está sendo outra coisa. E a percepção dessa diferença é evidentemente muito importante para o próprio processo.

Ora, isto que você quer ser é aquilo que o individualiza, é somente isto que o individualiza. No resto, as demais diferenças que existem entre você e as outras pessoas são todas expressas em linguagem genérica, em conceitos genéricos, ou seja, cruzamento de conceitos genéricos que vão tentando se aproximar de uma individualidade, mas nunca a pegam. Porém, este método da história ideal já individualiza direto. Não é por comparação com outras pessoas e não é por progressiva individualização de conceitos genéricos que você está tentando se apreender, não: você está expressando diretamente o que é o mais essencial e o mais diferenciador do seu *eu*.

Isto leva a um problema dos mais sérios na filosofia: o de essência e existência. Porque se aquilo que eu sou, enquanto indivíduo, só aparece para mim como uma potência, como uma virtualidade que *talvez* se realize, isto quer dizer que, antes de me tornar esta essência, tenho de existir. E nesse sentido é que Lavelle diz que a existência (no caso do ser humano) precede a *essência*: primeiro você existe e depois você é alguma coisa. É evidente que isso só se aplica ao caso da individualidade humana. O indivíduo encarado como espécie é o contrário, tem de ter uma essência até para poder existir. O simples fato de você saber que é um ser humano, e não um papagaio ou uma minhoca, já está declarando que sua essência é coexistente com a sua existência ou até a precede. Ou seja, antes mesmo de existir, você já era um ser humano e não outra coisa. Neste sentido, a relação de essência e existência se inverte conforme você a encare no aspecto das espécies ou no aspecto da individualidade.

Quando você está falando da definição das espécies, então é evidente que a essência precede a existência. Sabemos que, por exemplo, todos os seres humanos que vierem a nascer pertencem à essência da espécie humana, ainda que eles não existam ainda. Então neste caso dizemos que a essência precede a existência. Mas no caso da individualidade humana na sua existência concreta, para me tornar alguma coisa, ou seja, para poder ter uma essência, preciso existir antes. E aquilo

que chamarei de minha essência individual é algo que só chega ao meu conhecimento como uma vaga potência, como uma vaga virtualidade, que terá de ser atualizada ao longo do tempo.

Ora, isto tem uma tremenda implicação. Quando digo que quero *me* conhecer, como que eu posso me conhecer por experiência, se aquilo que eu sou não existe ainda? Quer dizer, como é que eu posso apreender a minha essência, se ela só existe em mim como uma potência que cabe a mim realizar? Portanto, este conhecer-se, segundo Lavelle, já é um fazer-se. Então é no ato de reconhecer quais são essas virtualidades e reconhecer que elas lhe impõem a obrigação de você ser você mesmo (que é a obrigação de realizar), este é o único autoconhecimento que existe, é a única sinceridade que existe. Se pudesse existir uma sinceridade descritiva – você é uma essência pronta que pode ser conhecida por mera descrição –, isso subentende que essa essência está pronta e pode ser contemplada. Mas acabamos de ver que não é assim. A essência só aparece como potência, então não pode ser contemplada porque não é nada ainda, ela está numa espécie de zona indistinta entre o ser e o não-ser, ela pode ser conhecida como possibilidade. Porém, aquilo que você pode ser já é você? Depende de você estar fazendo um esforço de realizá-la, depende de se identificar com ela, de assumi-la e a estar realizando. Se a potência simplesmente foi vagamente percebida e em seguida você mudou de assunto, então você não é realmente aquilo, aquilo é apenas uma possibilidade vaga. Então não é a sua essência, é *uma* essência possível que não se tornou a sua. Portanto, a sinceridade é um processo eminentemente dinâmico e criador de si mesmo. O sujeito se torna sincero na medida em que ele está verdadeiramente empenhado em realizar-se, e ele sabe o que ele está realizando. Por isso que Lavelle diz que a sinceridade não consiste tanto em você mostrar isto ou aquilo, mas em encontrar-se.

Inclusive o processo do mostrar (aquilo que você revela aos outros) faz parte do seu processo de auto-realização e mantém com ele uma relação bastante complexa e ambígua. Ou seja, você não pode se mostrar igualzinho para todas as pessoas em todas as circunstâncias, o seu processo de relacionamento exige adaptações e ambigüidades. Isto quer dizer que se a sinceridade estivesse ali, ela seria a coisa mais problemática do universo! Por isso que ele diz que a sinceridade verdadeira só existe como sinceridade para si mesmo, e esta sinceridade para si mesmo não consiste em você perceber quem você é e reconhecer que você é assim ou assado, mas em assumir e estar tentando realizar estas potencialidades iniciais que o definem e que você escolheu livremente.

A palavra *livremente* é de uma importância extraordinária no caso porque essa escolha não pode ser explicada por fatores antecedentes, seja de ordem natural, seja de ordem social. Se você der o conjunto das determinações naturais e sociais que definem a situação de uma pessoa, elas não bastam para definir essa escolha; se fizer uma somatória total das determinações, dos determinismos que pesam sobre o indivíduo, eles não explicam essa escolha. Então essa escolha é um algo a mais que não vem de nenhuma causa anterior, mas que revela que você é a causa, ou seja, você não é apenas um elo de uma cadeia causal, mas é o início de uma cadeia causal. É só este ponto onde você é o início de uma cadeia causal que justifica o uso a palavra *eu* e é só isso que é realmente você. Ou seja, a nossa única realidade é a realidade de uma escolha que fizemos e que só nos aparece inicialmente como pura virtualidade, como pura potência, e que ao longo do tempo vai se realizando, se esclarecendo e se modificando.

E Lavelle diz que são esses desejos que marcam a nossa ligação com o Absoluto. Por quê? [0:30] Note bem, tudo aquilo que existe em um determinado momento para nós e que nos chega pelos sentidos, seja pelos sentidos externos, seja pelos sentidos internos, é apenas um estado de coisas. Não é certo dizer que apreendemos coisas, nós apreendemos estado de coisas. Ou seja, quando você percebe um objeto sensível, percebe naquele momento e naquele lugar, e isso é um estado em que ele está, não é ele inteiro. Isto quer dizer que, por baixo daquilo que apreendemos, existe outro fator

que não aparece como presença sensível e que é o que se chama o *ato*. O ato é a força de continuidade que as coisas têm para continuar existindo. Isso você sabe que está presente, mas não enxerga. E por que você percebe assim? Porque você também assim se percebe como ato e não somente como estado ou como coisa. Na medida em que você se percebe como esta dinâmica de auto-realização, você sabe que o universo inteiro em torno é composto desse ato profundo que traz as coisas à existência e as mantém na existência e que transcende infinitamente a sua aparência deste ou daquele momento. Isto quer dizer que esta percepção de si mesmo como potencialidade em curso de realização aprofunda a sua visão do ser em geral, e você começa a entender que o ser não é constituído somente de presenças estáticas para ser contemplada, mas é constituído de um processo, de uma dinâmica que vem de uma profundidade inalcançável e que se expressa nas figuras visíveis. Isso significa que a nossa percepção de nós mesmos como potência em curso de realização faz com que a gente perceba tudo como potência em curso de realização.

Isso nos remete a explicação que dei, meses atrás, sobre um conceito que não é de Lavelle, que é meu: o do *círculo de latência*. Quando você percebe um ente, não está percebendo somente a figura física que ele apresenta, mas uma força que está latente nele e que lhe indica que direção que ele pode tomar, o que ele pode fazer em seguida. Eu dei o exemplo de um cachorro. Você está andando e vê o cachorro deitado: ele pode permanecer deitado indiferente a você, pode abanar o rabo, pode rosnar para você, pode sair correndo atrás de você. Se você não sabe que ele tem todas essas potências, não sabe que ele é um cachorro porque ele não age como um cachorro. Do mesmo modo, se você vê um objeto estático, por exemplo, um sofá, você sabe que pode sentar ou deitar nele, mas não pode comê-lo. Se você não sabe essa diferença, não sabe o que é um sofá. Este é o ponto que foi a contribuição verdadeira do pragmatismo à filosofia universal: perceber que as coisas não são somente as suas definições, mas o que você pode fazer com elas ou o que elas podem fazer.

Esta percepção do círculo de latência é imediata, não é pensada: é uma expectativa que já está embutida na simples percepção. Ora, temos a percepção do círculo de latência porque somos um círculo de latência, não somos somente uma presença física estática. Note bem que essa percepção do círculo de latência acontece espontaneamente em toda e qualquer percepção que o ser humano tem. Não quer dizer que ele tenha a clareza reflexiva do processo: ele sabe fazer isto, mas não quer dizer que sabe descrever o que está fazendo. Para isso precisa de uma análise filosófica. É a percepção de mim mesmo como potência que me habilita a perceber os outros entes como círculos de latência e, portanto, me habilita a penetrar em uma dimensão que chamo de realidade. Se eu percebesse somente os objetos como formas estáticas, estaria completamente fora da realidade, estaria contemplando um cenário morto onde nada acontece, e sabemos que a vida não é assim.

Outro tema que aparece aqui é, por assim dizer, goethiano (muito explorado por ele): *torna-te o que tu és*. Não somos nada propriamente no sentido estático e presente da coisa, somos uma potencialidade, e esta potencialidade é a única coisa que somos realmente. Porém, se eu não a assumo, não posso ser outra coisa, não tem como eu ser outra coisa. Se não assumo essa potencialidade e não tento, não luto para ser o que eu sou, não desapareço da existência, mas a minha existência se torna tênue, torna-se uma existência de tipo fantasmal. Infelizmente isto acontece com um grande número de pessoas que, por não terem recebido na sua educação os elementos necessários para realizar-se, não compreendem o processo e evidentemente tendem então a se apegar aos seus estados. O que são seus estados? É o conjunto do que você sente, pensa etc., no momento. E você pode se apegar a esses estados e acreditar que você é aquilo. Mas acontece que esses estados foram criados por você mesmo. Eu me lembro do desenho do Gato Felix, em que, se vinha um cachorro correndo atrás dele, ele desenhava uma árvore e subia nela. Neste processo as pessoas fazem mais ou menos assim, ou seja, criam uma forma mental, e se apegam a esta forma mental como se fosse a sua realidade e tentam se defender através desta forma mental.

O que Lavelle está dizendo é o contrário: das formas mentais que criou, das imagens, dos estados, etc. e etc., você tem de recuar para a raiz profunda daquilo, ou seja, o desejo inicial, o desejo central que gerou tudo aquilo. No instante em que faz isso, você se liberta desses estados. Mas você não vai se libertar deles se você se apega a eles como autodefesa. Por exemplo, as auto-imagens estáticas a que nos apegamos. Ora, é fácil criar uma auto-imagem: você inventa um personagem, diz que é você e exclui tudo aquilo que contradiz. Mas, na verdade, estas contradições são preciosas porque são elas que dissolvem essas imagens e nos devolvem à nossa realidade, que não é a realidade de uma figura descritível, mas de uma força criadora que está em vias de se manifestar e que não pode como tal ser definida, pode apenas ser assumida e progressivamente realizada na vida.

É por isso que muito do que as pessoas entendem como autoconhecimento é exatamente o contrário, é um auto-encobrimento por baixo de imagens. E pior ainda se essas imagens forem tiradas de conceitos científicos ou das ciências naturais ou das ciências sociais, porque daí elas são figuras estáticas que vêm com um prestígio científico e sociológico mais ou menos hipnótico. Isto quer dizer que o verdadeiro autoconhecimento implica que você desista de se descrever, seja para os outros, seja para si mesmo, que aceite a sua condição de força misteriosa que está continuamente [00:40] tirando algo do invisível para se manifestar. É só aí que você está no verdadeiro autoconhecimento, e é um autoconhecimento que implica que você nada possa dizer sobre si mesmo, exceto a narrativa deste processo tal como ele foi e tal como você espera que ele seja.

Houve muita controvérsia em torno dessa questão de essência e existência. A frase “*a existência precede a essência*” se tornou mais conhecida pela boca de Jean-Paul Sartre, porém Lavelle tinha dito isso muito antes. Evidentemente isso cria uma série de controvérsias, os neotomistas ficaram muito bravos com isso, porque isso contradiz aparentemente os ensinamentos de Santo Tomás, quando, na verdade, Santo Tomás acreditava que a diferença individual é puramente quantitativa ou material, que só a espécie tem a essência e que, portanto, a diferença de um indivíduo para outro indivíduo é apenas uma diferença quantitativa ou material; ao que John Duns Scott respondia que, se fosse assim, seria impossível a salvação das almas, o julgamento das almas individuais, então era absolutamente necessário que houvesse uma essência individual que ele chamava de *esseitas*, ou *esseidade*. É desta *esseidade* que Lavelle está falando, e não da essência no sentido tomista da coisa. Então a confrontação de idéias aí foi um pouco deslocada porque não estavam falando das mesmas coisas.

Neste processo, as potências profundas que escapam à nossa percepção e que não assumimos, elas não são realizadas e não desaparecem, mas definham e se tornam distantes de nós, ao passo que construímos ao lado ou em cima delas uma figura estática que acreditamos ser a nossa. Isso aqui tem várias implicações. Uma delas é que se você não pode se conhecer a si mesmo senão como força que vem do invisível e se manifesta, você também não pode conhecer os outros senão assim. Isto quer dizer que quando você cria noções mais ou menos estáticas e permanentes a respeito das pessoas (elas são assim ou são assado), você está deixando de conhecê-las, está conhecendo apenas os estados que elas manifestaram. Mas evidentemente por baixo desses estados, elas têm uma potencialidade imensa que pode tomar uma direção diferente a qualquer momento. Isto quer dizer que se você se fixa nestes estados, você está encobrindo a pessoa sob uma imagem momentânea e está deixando de conhecê-la efetivamente. Isso significa que esse potencial mais profundo, mesmo que a pessoa o desconheça, não desaparece, continua lá e é ele quem define a pessoa. A pessoa se define por aquilo que pode ser e que, no fundo, escolheu ser. Se esta é a única realidade dela, o resto é tudo fantasia, é tudo estado momentâneo. Ou seja, na medida em que você conhece a si mesmo como força criadora, você começa a olhar os outros também como força criadora. Por outro lado, essas potências só se realizam no mundo real, ou seja, elas vão necessitar de instrumentos, e esses

instrumentos você encontra no seu corpo, na sua hereditariedade, no seu meio social, no seu meio físico, etc. e etc. Ao mesmo tempo em que tudo isso é instrumento, são os meios pelo quais você se realiza, isso também são obstáculos porque eles não vêm na medida certa para você, você vai ter de adaptá-los de alguma maneira. E é neste sentido que, por vezes, estas dificuldades, por mais que nos obstaculizem, podem nos ajudar enormemente – e é a respeito disso que trata o outro texto que vamos ler daqui a pouco.

Porém, isto também tem outra implicação: não basta que você se reconheça como força criadora. Se você fizer isso absolutamente sozinho e não houver ninguém em torno que o reconheça como tal, as coisas se tornam enormemente difíceis, porque você não tem verdadeiro contato humano com ninguém. Este evidentemente talvez seja o problema mais sério da vida em sociedade. Quer dizer que se você já percebeu – isto é muito importante – quem você quer ser e, portanto, qual é a sua diferença individual, qual é a sua essência, qual é a diferença individual que o define e, se as pessoas em torno continuam vendo você de uma maneira completamente diferente, você está sendo desafiado e, de algum modo, a sua alma estará sob ataque. Ou seja, as pessoas insistem em ver você de outra maneira que você sabe que você não é. Elas podem até ter provas de que você é assim e assim porque se comportou de tal e qual maneira, elas viram certas condutas externas, e você sabe que os seus estados não são você porque os estados são apenas figuras provisoriamente assumidas no curso do processo de manifestação. Em certos casos, torna-se extremamente difícil a pessoa perseverar naquilo que quer ser, porque a resposta recebida dos outros é tão incongruente com isto, que o indivíduo duvida de si, e pode passar a aceitar que ele é aquilo que estão dizendo que é. Isso pode acontecer, sobretudo no começo da juventude isso pode ser uma coisa absolutamente desastrosa.

Se você não encontra esse reconhecimento, então está em uma guerra com o meio ambiente. E nessa guerra, é curioso, não é enfrentando o meio ambiente que irá vencer, mas ao contrário, persistindo no seu caminho interior. Brigar com o meio ambiente é o contrário, você está se dispersando. Entre os meus alunos eu vi ao longo do tempo, esse é um dos maiores problemas que surge: o indivíduo se dispersa lutando com o meio ambiente. E para lutar com ele, você tem de se adaptar a ele, e daí você esquece de fazer o verdadeiro esforço que é puramente interior: o esforço de perseverar na sua auto-realização, mesmo que ninguém em torno esteja vendo *nada*, mesmo que tudo aquilo que você quer ser seja flagrantemente desmentido por todo o meio. Curiosamente nessa luta entre o meio e você, não se trata de enfrentar o meio, mas de enfrentar apenas a si mesmo, ou seja, não ceder às imagens que grudam de fora em você. E isso pode vir das pessoas mais próximas: sua mãe, sua mulher, seu marido, sua amante, sua avó, sua tia. Quando as pessoas se sentem atacadas, elas sentem que a sua alma está sendo ameaçada e destruída, e elas às vezes reagem até com violência, mas essa violência é dispersão porque nenhuma ação que você faça sobre os outros pode reforçá-lo internamente, é só a sua própria ação sobre si mesmo. Então quanto mais o provocarem mais você tem de ignorar e persistir no seu caminho interior.

Agora vamos ler o segundo texto, que é do Michel Adam, onde isso vai ficar um pouco mais claro. Obviamente que tudo isto que está aqui são condições psicológicas e até pedagógicas que você deve cumprir para poder chegar a entender plenamente as dimensões mais profundas da filosofia de Louis Lavelle, sobretudo sua antologia e sua metafísica. Todas essas obras morais que ele escreveu, cada capítulo é como se fosse um exercício, ele não é só para ser lido, tem de ser lido, meditado, realizado, por assim dizer. Como ele é uma portinha que está abrindo para o seu projeto interior, exige ser realizado e não somente lido e não somente apreendido, isto é, cada um desses capítulos tem de ser personalizado. É claro que nem todos eles são igualmente eficientes, [00:50] alguns são mais intensos e outros são mais tênues, mas, no geral, eles funcionam muito bem.

Diz Michel Adam no prefácio à *Le Mal et la Souffrance* (O Mal e o Sofrimento)

Os autores contemporâneos [quer dizer contemporâneos a “*Le Mal et la Souffrance*”, 1940], ante à hostilidade do mundo, compraziam-se em atitudes negativas. A inquietação heideggeriana, a angústia sartreana serão completadas pelo absurdo de Camus. (...)

Podemos lembrar também toda a Escola de Frankfurt, onde dizia que o mundo estava *tão ruim*, que não havia nada de positivo a propor, que devíamos apenas fazer o trabalho do negativo, como dizia Hegel: se alguma coisa boa terá de surgir, terá de surgir num curso de um processo de destruição permanente.

(...) O esnobismo do abandono invadia o mundo intelectual e determinava uma moda à qual muitos sucumbiam. Era elegante cada um portar sua existência de atravessado² e, diante da invasão imperialista do infortúnio, rejeitar todo o sentido positivo da vida. Logo se constatará que Lavelle nos remete de volta à nossa liberdade. Em vez de sucumbir à miséria, convém assumir o encargo de nós mesmos, para podermos nos afirmar. Longe de bloquear a sensibilidade e as consciências, longe de paralisá-las, o mundo hostil deve incitar a desenvolver uma potência criadora. (...)

Por mais hostil que seja o mundo, é ali que estão os instrumentos, mesmo porque esta hostilidade não vem só de fora, depende da sua vulnerabilidade, e a vulnerabilidade é determinada por elementos que estão dados na sua hereditariedade, na sua educação, etc. e etc. No exemplo que eu estava dando agora mesmo do indivíduo cuja realidade interior não é reconhecida pelo meio, a sensibilidade que ele tem a isso é determinada pela sua própria fraqueza e não pelo ataque do meio: algumas pessoas precisam de mais reconhecimento e outras precisam de menos. Ou seja, quanto mais reconhecimento imediato você precisar, mais fraca será a sua ligação com seu projeto interior e maior será a sua vulnerabilidade aos ataques do meio, ao ponto de poderem levá-lo a completa alienação. De qualquer modo, a solução nunca será enfrentada numa luta contra o meio, porque lutar contra o meio é participar dele, é se envolver nele, e o envolvimento nele evidentemente vai afastá-lo do ponto central. Quanto mais ataque vem de fora, mais você tem de reagir por dentro, ou seja, alcançar um estado de concentração e de perseverança nos valores fundamentais.

(...) Constata-se então que é por ela [pela potência criadora] que eu me constituo, que minha vocação se revela a mim. Em vez de me resignar, de me deixar submergir pela infelicidade, proponho à sociedade em que vivo um exemplo de ultrapassagem e uma incitação a seguir essa mesma atividade. Em face da hostilidade do mundo, contestando-a, minha liberdade tornou-se uma liberdade real.

Note bem: quando ele diz “contestando-a”, quer dizer, tem a infelicidade do mundo, você tem a pressão do meio, você não vai enfrentá-la, vai contestá-la, ou seja, vai lhe negar importância, vai lhe negar valor, vai lhe negar realidade e vai dizer: a realidade não está aí, ela está no mais profundo de mim mesmo, neste núcleo de impulsos e desejos autênticos que me definem como pessoa.

Ante a miséria do mundo, investida pela minha reflexão, a vida interior assume mais profundidade, assim como intensidade, e a liberdade entra em estado de vigília. (...)

Ou seja, você começa a exercer efetivamente a sua liberdade, o meio o está impelindo numa

² Observa o professor, ao interromper a leitura: “Ele usa ‘*porter son existence en écharpe*’, quer dizer de uma maneira oblíqua. Eu não consegui achar uma tradução imediatamente inteligível, então pus “de atravessado”, e espero que dê para entender.”

direção, ele quer lhe impingir determinadas imagens e você diz não: eu não vou pensar do jeito que você quer, eu vou começar do jeito que eu quero, eu vou ser quem *eu* quero ser e não aquilo como vocês me descrevem.

(...) É nessa experiência sensível que eu constato que, para não ceder ao desespero, é preciso dar à alma a força e a luz. O mundo não é mais um espetáculo indiferente; ele é a ocasião de um enfrentamento onde as provações se tornam provocações à afirmação de si e dos outros. (...)

Mais adiante ele vai dizer por que diz “dos outros”. É porque, na medida em que você afirma a realidade desse seu ser mais profundo, também o reconhece nos outros, ainda que eles ainda não reconheçam.

(...) O mal do mundo transforma-se em enunciação do bem que convoca minha ação. A consciência cessou de contemplar somente o mal; minha liberdade poderá regenerar o mundo que, pela infelicidade que exprimia, parecia a ocasião de uma vontade maldosa. Minha vitória sobre o mal impregnou o real com uma significação espiritual. (...)

Sim, a significação espiritual é imediata. Pelo simples fato de você reagir e dizer: “eu não sou isso que vocês estão dizendo, sou outra coisa que só eu sei e eu vou perseverar aqui”, você entende que os outros também são a mesma coisa, e instantaneamente toda a vida adquire o sentido de uma auto-realização espiritual, sua e dos outros. Basta você reagir desta maneira e a impregnação de um sentido espiritual na realidade é imediata, não é uma coisa que você precisa pensar.

(...) Poderemos, aliás, completar essas observações filosóficas por uma referência à realidade do mal da guerra, através das notas tomadas por Lavelle durante sua experiência de combatente e de prisioneiro.³ (...)

[Além dos *Carnets de Guerre*], também existem alguns depoimentos de pessoas que estiveram no campo com ele. Ali no campo, Lavelle deu vários cursos de filosofia. Você imagina o cara num campo de prisioneiro, a situação pior que você pode ter, o sujeito lá dando um curso sobre Pascal – e não foi só ele que fez isso, muitos fizeram na época. E quem o conheceu na época diz que ele não parecia um prisioneiro de maneira alguma, parecia inteiramente à vontade, para ele estava tudo bem. [1:00] Por quê? Porque, para ele, a única coisa que contava era isto: Eu ainda estou no meu processo de auto-realização ou não? O que acontece em volta é tanto obstáculo quanto instrumento: cada obstáculo é um instrumento e cada instrumento é um obstáculo. Portanto, não sou responsável pelo o que está acontecendo, sou responsável pelo o que estou fazendo. Desde logo, o mal que os outros lhe fazem não é culpa sua, é um elemento externo e pode ser utilizado como instrumento também.

Vejam que nesses *Carnets de Guerre*, praticamente tudo o que Lavelle viria a desenvolver na filosofia dele para o resto da vida já está de alguma maneira lá. E quanto pior era a situação em volta, mais ele sentia essa necessidade de se aprofundar dentro de si mesmo e reagir de uma maneira ativa e criadora. Ou seja, o que eu faço não será determinado pelo que me acontece, será determinado pelo o que eu escolhi. Isto é uma coisa absolutamente fundamental. Eu posso garantir que se eu não tivesse me tocado dessas coisas na juventude, não teria sobrevivido espiritualmente porque o ambiente onde estava não era num campo de prisioneiro, mas era o ambiente mais hostil e mais deprimente que você pode imaginar. E eu não tinha ninguém com quem pudesse conversar a respeito dessas coisas, as pessoas não entendiam “a” do que eu estava pensando, do que eu estava

³ *Carnets de Guerre*. 1915-1918, Québec, Le Beffroi, et Paris, Les Belles Lettres, 1985

querendo. E de fato acho que exteriormente eu parecia muito diferente daquilo que queria ser e que para mim era minha realidade.

Então isso aqui [o que Michel Adams trata no texto] é manual de sobrevivência na selva, sobretudo para vocês que estão no meio brasileiro, que é terrivelmente hostil, acachapante e deprimente, vocês têm de meter essas coisas na cabeça senão não vão sobreviver. Não se trata nem mesmo de sobrevivência intelectual, trata-se de sobrevivência humana, sobrevivência da sua alma. Quanto pior for a situação, maior necessidade de reagir desta maneira: não vou fazer o que o ambiente está me pressionando para fazer, vou fazer o que quero fazer, o que decidi fazer. Quer dizer, não vou me envolver numa luta que não é minha, tenho a minha luta particular, e a minha luta é pela minha auto-realização, para me tornar o que sou. E é isto que realmente importa.

(...) A possibilidade da luta contra o mal revela-se em nós através desse sofrimento que nos deixa adivinhar uma vida interior da qual percebemos, pouco a pouco, que é a verdadeira vida.

A verdadeira vida minha e dos outros, porque na mesma medida em que estou me esforçando para concentrar a minha vida no meu projeto de ser, começo a perceber os outros também como projetos de ser, sei que eles também querem ser alguma coisa, ainda que o tenham esquecido. Isso modifica radicalmente as suas relações com os outros, onde a única finalidade da sua presença ante os outros é despertar esse núcleo que está dentro delas — isso vinte quatro horas por dia. Na medida em que você se concentra, está ajudando os outros a concentrar-se no que importa.

A constituição da riqueza existencial leva-me à riqueza da vida espiritual. Assim leremos em nós a prioridade da existência sobre a afirmação do nosso ser. (...)

Prioridade da existência quer dizer a existência de fato vem antes, o nosso ser não é aquilo que já apareceu e que já está no mundo, ele é aquilo que está se realizando.

(...) É assim que, no seu grande livro *De L'Acte*, desde 1937, Lavelle afirma que a existência precede a essência. Por essa valorização da existência, ele engaja o homem na ação jubilosa. (...)

É uma ação feita de pura alegria, na verdade, o exercício de pura liberdade.

(...) Então o mal não está no dado, no real, mas no querer. (...)

Esta é a chave do todo o negócio: o mal não está no que me acontece, naquilo que vem de fora, mas naquilo que eu quero. Quer dizer que se eu deixo de querer aquilo que me definia como ser individualizado capaz de dizer “eu”, então me alienei de mim mesmo, e isto pode me destruir. Mas o que me acontece não pode me destruir em hipótese alguma, porque se me faltar totalmente os instrumentos de auto-realização, por exemplo, na hora da morte, ainda tenho a escolha entre perseverar no que eu sou ou ceder, aceitar em me transformar em outra coisa.

(...) O mal que encontro é algo a superar, e não a limitação do meu ser. O sofrimento é, por exemplo, notado na sensibilidade; mas se me refiro, de um modo complementar, àquela zona em mim na qual se exprimem a vontade e a liberdade, (...)

O mal e o sofrimento chegam a você de maneira sensível, mas, por baixo disso, existe a afirmação da liberdade, existe o que você quer ser.

(...) constato que estou em presença de uma experiência espiritual. (...)

Basta você referir o que acontece a essa sua liberdade interior, a esse seu projeto de ser, instantaneamente a situação adquire o contorno de uma confrontação espiritual, ou seja, adquire um sentido imediatamente.

(...) Em vez de ser constrangido e humilhado por esse mal que me obseda, torno-me o princípio de uma tomada de responsabilidade sobre esse mal. Posso afirmar-me como princípio da vida em meu espírito porque ele dá ao mal uma significação e faz dele um obstáculo a vencer.

Note bem, só neste momento você já passou da passividade à atividade, você já não é a vítima inerte do mal, você tem algo a fazer com ele. Ele se torna uma peça da sua engrenagem, mais um elemento com o qual você vai ter de lidar para se realizar através dele. Essa passagem do passivo para o ativo é o que define o destino das pessoas. Note bem que essas coisas são *tão* alheias à cultura brasileira, à sociedade brasileira, que você pode dizer que o Brasil é uma máquina de estragar pessoas, é uma máquina de destruir almas. Ele só existe para isto, só existe para transformar as pessoas em coisas inertes que só existem para apanhar, sofrer e reclamar. É uma máquina corruptora como nunca existiu no mundo. Claro que houve países que passaram por situações muito mais terríveis e tenebrosas, mas onde você não vê uma corrupção tão profunda das almas, ao contrário: quando você lê esses relatos de pessoas que estavam no *gulag*, nos campos de concentração, etc., você vê que milhões de pessoas reagiram de maneira criadora, afirmaram a sua liberdade, e isso faz parte da cultura local. No Brasil você não tem nada disso.

Se você ler a literatura brasileira inteira, todos os personagens são vítimas inertes dos acontecimentos, não tem um que reage criativamente. Para não dizer que não tem um, se você ler a novela do João Guimarães Rosa, *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, o Matraga é um nêgo que diz “Eu não vou fazer o que a situação quer, eu vou fazer outro treco”. É o único personagem, o resto são todos uns coitadinhos. Isto quer dizer que aí você tem a cultura da lamentação social e não a cultura da liberdade interior. Isto é estranho à cultura brasileira, mesmo à cultura mais alta; sem falar da cultura popular, das dimensões mais baixas. Vocês estão aí num mato sem cachorro, então mais do que ninguém, precisam dessas coisas.

Tal como o constato, é uma realidade espiritual que me faz ser. (...)

Só existo graças a essa liberdade interior que me mantém na direção do que quero ser, em vez de me deixar converter nas imagens, [1:10] nos estados ou que me são impostas de fora ou que eu mesmo desenhei.

(...) No exemplo do sofrimento, constata-se que ele me leva a aprofundar minha interioridade, a me interrogar sobre mim mesmo. O meu ser assume gravidade ao mesmo tempo que delicadeza [ou sutileza]. Não posso mais me abandonar à indiferença, tanto quanto à busca dos bens exteriores. Em troca, é como se eu descobrisse o acesso a bens interiores, que me parecem tanto invisíveis quanto de alto valor. (...)

É o tema bíblico: de que vale ganhar o mundo inteiro se eu perco a minha alma?

(...) Já não me é possível, então, deixar-me ir a todas as solicitações da natureza. (...)

A natureza me impele a querer determinados bens, determinados prazeres, ou a fugir de determinadas incomodidades, e agora eu vou ter de selecionar não em função do seu valor objetivo, mas em função do quanto elas vão pesar no meu processo de auto-realização. Ou seja, eu vou ter de buscar aqueles bens que favorecem esta auto-realização e evitar aqueles que me atrapalham. O critério tornou-se completamente diferente. Note bem: não é o critério da moral social, é outro critério que só vale para você, só você vai saber o que pode fazer e o que não pode fazer. Isso

significa que, entre outros obstáculos que podem surgir na sua auto-realização, a moral social é um dos piores.

Por exemplo, ontem mesmo nós estávamos conversando aqui em casa sobre esta cultura americana do julgamento moral. As pessoas se julgam moralmente umas às outras o tempo todo não só nos círculos pessoais, mas na cultura, na mídia, etc. Aqui os jornais toda hora criticam uma pessoa porque ela foi impolida ou ela *cross the line* (passou dos limites). E outro dia foi manchete nacional um bebê de dois anos que disse *fuck*. Estava todo mundo escandalizado porque o bebê disse *fuck* — isso sai no jornal aqui! E evidentemente tudo isso é um motivo de sofrimento e alienação o tempo todo, esses camaradas sofrem como uns cachorros. Os americanos em geral são pessoas muito boas e muito honestas, mas são uns sofredores porque vivem pensando o que o pastor vai dizer deles, o que a sogra vai dizer deles — é uma agonia. Parece que é para o bem, parece que é para formação cristã das pessoas, mas é um negócio altamente corruptor porque destrói as almas.

Você pode dizer que foi feito com a melhor das intenções. Eu digo, mas era uma intenção boa na origem, na hora em que isso se exterioriza e se torna um conjunto de regras, de hábitos e de cacoetes mentais, vira um inferno. Que é o inferno? É o lugar onde você está sendo julgado o tempo todo, ninguém lhe dá sossego. E eu vejo que em muitos meios aqui a coisa é assim. E isto cria uma inibição e enfraquece muito as pessoas, e as tornam vulneráveis à chantagem: “Eu não posso fazer isso senão não vão mais gostar de mim”. Pronto, você pensou isso, está liquidado. Vocês, os alunos aqui, têm esse problema: “Eu vou lá fazer o curso do Olavo, estudar as coisas, daí as pessoas não vão mais gostar de mim”. Mande-os para aquele lugar! Que é isso! Pessoas que querem destruir a sua alma não são suas amigas. A amizade verdadeira é uma coisa difícil de conquistar, não dá para você ter muitos. Mas a amizade verdadeira é aquela que vai fortalecê-lo na sua busca interior, fortalecê-lo na sua auto-realização, e que deseja o seu florescimento e não o seu definhamento.

Quando eu era jovem, o maior sonho de algumas pessoas da minha família a meu respeito era que eu fizesse um concurso para o Banco do Brasil. Era o sonho da vida deles porque era um emprego seguro etc. Mas eu tinha uns parentes que trabalhavam no Banco do Brasil, e eles passavam seis meses trabalhando e seis meses no serviço psiquiátrico. O Banco do Brasil tinha um imenso serviço psiquiátrico, metade do Banco estava sempre no serviço psiquiátrico. As pessoas podem acreditar que isso é uma boa intenção, mas é uma boa intenção ditada pelo quê? — Pelo medo. Elas não confiam em você, já disseram que você é um incapaz, então é melhor se encostar logo no emprego público. É uma atenção que eles estão tendo com você, mas é uma atenção altamente depreciativa, é uma falsa boa intenção, na verdade.

(...) Já não me é possível, então, deixar-me ir a todas as solicitações da natureza. Constatado que essas solicitações tendiam a uma desestabilização do eu, a uma dispersão no mundo, a um divertimento.
(...)

Quais são os impulsos naturais que você deve atender e quais que deve reprimir? É um critério que só você vai ter a cada momento, porque você sabe o que vai reforçar a sua busca interior e o que vai fazê-lo esquecer-se dela. Aí é o sentido do divertimento, que é um termo do Pascal: as pessoas estão procurando se esquecer de si mesmo porque não estão agüentando a dor da luta interior, então querem pensar em outra coisa. Eu digo: uma cota disso você pode até precisar, mas quanto? Só o suficiente que o permita voltar ao principal depois.

(...) Torno-me um foco de existência autônoma. (...)

Isto aqui é fundamental. Você se tornou o autor da sua vida, o autor da sua biografia. Não são os outros mais que estão escrevendo, não são os acontecimentos que determinam, é a sua escolha e a sua perseverança que escreve a sua vida.

(...) Descubro que depende somente de mim solicitar essa fonte viva que está em mim para assumir minha responsabilidade de ser eu mesmo. A ferida do sofrimento, assim como a decepção do isolamento, mostram-me que existe um lugar íntimo que é bem meu, o lugar da minha atividade espiritual. É no meu ser que descubro o princípio da minha atividade espiritual. Não será para nele me comprazer, mas para participar da dinâmica íntima que ela me revela.

Aluno: Ao longo da aula, eu percebi que a sua exposição puxou das entranhas da experiência uma sutileza que é absolutamente essencial na técnica filosófica. Em A Presença Total, Lavelle diz que “a tarefa do pensamento é criar um intervalo entre o ser que é o seu ponto de partida e ser que é o seu ponto de chegada, e intercalar nesse intervalo todas as suas realizações”. O senhor poderia, se possível, dar uma dica de qual seria a diferença entre a dialética de Lavelle e as outras, por assim dizer, modalidades da dialética, como a aristotélica ou hegeliana?

Olavo: Toda e qualquer dialética é sempre a arte de acompanhar duas linhas de pensamento simultâneas, sejam opostas ou pelo menos diferentes. Em Aristóteles, isso aí é, sobretudo, uma técnica investigativa: dada uma questão, você articula as hipóteses já levantadas e que já estão em discussão de alguma maneira, e vai tentar descobrir quais são os pontos em comum entre elas, de modo que possa classificar os vários níveis de predicação em que elas estão e desfazer as contradições aparentes e restaurar a unidade de um discurso lógico. Em Hegel, a dialética é entendida como o próprio processo da realidade histórica que se dá através de contradições, da luta. Em outros casos, como por exemplo em Nietzsche, tem-se uma dialética trágica que é uma dialética onde não existe síntese, onde tudo é definido como um conflito eterno.

Em Lavelle, a dialética é a técnica de acompanhar ao mesmo tempo a linha da experiência direta, quer dizer, a expressão da experiência, e a sua elaboração intelectual em conceitos, de maneira que esta sempre falando em dois planos diferentes. Você pode dizer que nesse trechinho que nós lemos aqui já se observa isso claramente. [1:20] Ele diz que uma experiência que não consiga se exteriorizar num discurso que vai para além dela, isto é, que dá para ela um senso de universalidade, ela nem mesmo existe, ela desaparece. Mas ao mesmo tempo esse raciocínio que você constrói em cima esclarece a experiência e solicita de novo a experiência — e se tratando sempre da experiência interior, a mais pessoal e direta possível: é a linguagem da intimidade se exteriorizando numa linguagem de universalidade, havendo sempre uma espécie de uma tensão entre as duas. Isso é que ele entende como dialética.

Aluno: Será que nessa experiência que o senhor aludiu durante a aula não estaria dada a unidade de todas as virtudes?

Olavo: Muito provavelmente, sim. Mas pelo menos está dada a condição de todas as virtudes, porque se o processo de conversão é um processo interior, é um processo de conversão à interioridade. Ou seja, tudo vai ser visto na escala da intimidade e da interioridade, e não da sua aparência social. Isto quer dizer que a perspectiva religiosa é bastante ritualizada e exteriorizada para servir de suporte a esta atividade interior. Se ela não serve de suporte, se vira uma finalidade em si mesma, então você entrou na alienação completa. E observamos muito isso na sociedade americana, que é mais religiosa do que a brasileira, essa tendência exteriorizante que eu mesmo me referi durante a aula, e é uma coisa terrível porque cria um obstáculo entre a pessoa e ela mesma,

ela não consegue se comunicar com ela mesma. É aquele verso do Antonio Machado: “*Quien habla solo espera hablar a Dios un día*”. Se você não é capaz de falar nem com você mesmo, como vai falar com Deus?

Mais adiante no livro *O Erro de Narciso*, Lavelle vai explicar que só existe mesmo essa sinceridade, em última análise, perante o próprio Deus porque aí você se despiu de todos os estados que encobriam esse seu núcleo verdadeiro e essas suas escolhas profundas, aí você sabe realmente o que escolheu e quando escolheu mal e quando escolheu bem. É só nesta hora. Por exemplo, perante a morte.

Aluno: À medida que conhecemos a nossa liberdade, ela não vai se limitando porque aumentamos também o nosso conhecimento sobre ela?

Olavo: Ela se limita porque, na medida em que você vai se realizando, já sabe algo a respeito do que escolheu e do que conseguiu fazer. Propriamente ela não se limita, se torna mais precisa. Mas na verdade ela se aprofunda porque você vai tomando posse de si mesmo, e as suas decisões, as suas escolhas vão adquirindo uma densidade espiritual cada vez maior. E é nesta densidade espiritual que você vê o sentido do que diz na Bíblia, que é o caminhar diante de Deus. Se cada ato, cada pensamento é confrontando com a totalidade do projeto de vida, e você tem de assumir a responsabilidade total do que fez, então aí você está diante de Deus. Também no livro *O Erro de Narciso*, ele comenta que é próprio das almas fracas evitarem a sua responsabilidade e a chutarem para os outros, mas que pessoas fortes procuram assumir a responsabilidade de tudo que fizeram, como se tudo que lhes acontecesse fosse de autoria delas mesmas. É claro que não é, mas você tem de aceitar essa hipótese para se compreender: vamos supor que tudo o que me aconteceu na minha vida foram de responsabilidade minha, fui eu que produzi tudo isso.

Aluno: Onde posso ter acesso às obras dos escolásticos portugueses e o nome de todos os autores referidos?

Olavo: Eu sugiro que compre a série de *História do Pensamento [Filosófico] Português* de Pedro Calafate. Nesta obra tem não só a exposição de todas essas filosofias, mas também toda bibliografia existente – às vezes de não muito fácil acesso, mas de qualquer modo está lá. É uma série em seis volumes publicada faz uns sete ou oito anos, creio eu.

Aluno: A busca por uma explicação genérica e a priori da conduta humana revelaria, por assim dizer, um ranço do kantismo?

Olavo: Até certo ponto sim, mas não é só Kant, não podemos responsabilizar Kant por tudo. Não podemos esquecer que no século XIX houve um grande avanço das ciências históricas, sociais e naturais, e, por um momento, pareceu que elas davam a única explicação razoável sobre tudo o que existe. Até certo ponto elas dão se você entender que todas as explicações delas versam sobre um recorte abstrativo e não sobre a realidade concreta. Sobre a realidade concreta do ser humano, as ciências todas somadas não têm *nada* a dizer, absolutamente nada. Elas sempre estão falando da espécie tomada de certo nível de abstração para cima. Isto significa que, por exemplo, você pode estudar toda a ciência psicológica e continuar um cego para sua própria realidade. Aliás, isso acontece, não há coisa mais alienante do que estudar psicologia. Já a verdadeira técnica do autoconhecimento, que é auto-realização, só existe nestas linhas aqui. Claro que Lavelle não é o único que trata disso, teve o amigo dele René Le Senne que fez uma série de coisas, Gabriel Madinier, Maurice Nédoncelle. Nikolai Berdiaev escreveu coisas preciosas sobre isto. Vamos estudar isso com o tempo.

Há toda uma riqueza, uma pletora de obras filosóficas muito importantes sobre isto, que na geração seguinte o pessoal esquece, apaga, faz de conta que não aconteceu nada. Quando acontece isso, o debate volta para o começo como se nada tivesse acontecido, então sempre tem de começar tudo de novo – é incrível. E é curioso como diante disso as pessoas acreditam em progresso do conhecimento. Não, há progresso e retrocesso ao mesmo tempo: uma geração descobre umas coisas e a outra geração se empenha devotadamente em esquecer tudo, e tem de partir do zero de novo.

Aluno: Poderia me esclarecer se há algum paralelo entre a existência em Lavelle e Heidegger? Há no dasein heideggeriano algo da possibilidade do eu em Lavelle?

Olavo: Conceptualmente, podemos dizer até que são a mesma coisa, mas acontece que em Lavelle existe uma estratégia psicológica para o autoconhecimento, e em Heidegger não tem, ele está sempre no mundo das abstrações mais altas. Ele fala em autenticidade, mas a própria linguagem dele o desmente: como ele pode estar falando em autenticidade e criando esta linguagem totalmente artificiosa, com milhões de neologismos perfeitamente desnecessários, às vezes para dizer alguma obviedade? Outra coisa: quando você vê o problema existencial do próprio Heidegger em ter se comprometido com o partido nazista tão profundamente e depois varrer isto para baixo do tapete: de que autenticidade ele está falando? Ele é um fingidor, um ator. Acho sinceramente que Heidegger é perda de tempo. Claro que você tem de estudá-lo, como documento histórico do século XX é muito importante, e também em certos momentos, ele revela um domínio muito grande da técnica filosófica – por exemplo, tudo que ele escreveu sobre Duns Scot é muito engenhoso. Mas se a sua perspectiva é a do autoconhecimento e da auto-realização, esqueça Heidegger, ele não irá ajudá-lo em absolutamente nada.

Aluno: Quanto a esta questão de não submeter-se ao ambiente, mas manter-se de posse da realização de seu destino — especialmente quando o ambiente é de uma hostilidade particularmente cruel —, poder-se-ia estabelecer alguma relação entre a experiência de Lavelle e Viktor Frankl? (...)

Olavo: Sem a menor sombra de dúvida. Viktor Frankl vai definir o sentido da vida como aquilo que só você pode fazer e ninguém pode fazer no seu lugar. E o que só você pode fazer? Aquilo que decidiu fazer, aquilo que decidiu livremente.

Aluno: (...) Pois Lavelle, no cárcere, proferiu palestras e escreveu uma tese de doutorado, coisas que não eram imagináveis no campo de concentração; ainda assim Viktor Frankl interiorizou e trabalhou dentro de si sua experiência para chegar a conclusões semelhantes à de Lavelle (...)

Olavo: Nesta época, muita gente trabalhou nesta linha. A experiência da Primeira e da Segunda Guerra abriu a consciência de muita gente, há toda uma tradição de autores que trabalharam nisso. Entre as duas guerras a filosofia, sobretudo francesa, foi de uma riqueza imensa. Mas se apagarmos tudo isto e fazemos de conta que não aconteceu, podemos voltar a colocar os problemas numa etapa anterior. É o problema dos patamares que falei logo no começo. A filosofia avança por patamares: você alcança certo nível de consciência que a geração seguinte não tem o direito de voltar atrás, tem de levar aquilo em conta e dar um passo a mais. Mas os caras não fazem isso, eles simplesmente apagam, fazem de conta que não aconteceu e daí podem começar a colocar as coisas como se fossem Adão no paraíso: é o primeiro homem, é o primeiro que chegou.

Aluno: Como pesar a força das idiosincrasias pessoais na possibilidade de exercício dessa liberdade fundamental?

Olavo: Estas idiosincrasias são parte do mundo, são parte dos dados que você recebe, são parte da situação, do estado de coisas. Tanto faz tropeçar numa idiosincrasia pessoal ou num vício ou tropeçar numa dificuldade externa, é a mesma coisa. Você vai ter de não se identificar com isso e tem de entender aquilo como um material ou um instrumento a ser elaborado. Isso pode levar a vida inteira, não tenha pressa.

Aluno: (...) E a força e intensidade dos antagonismos externos?

Olavo: Esta força mede a sua própria capacidade de superá-las pelo simples fato delas estarem aí. Diz que Deus dá o frio conforme o cobertor. Acho que realmente é assim, ou seja, se existe uma situação muito oprimente, e se você sente essa opressão, ela veio para você especificamente, quer dizer, esse é o seu problema, essa é a sua vida. Você lidar com isso vai ser a sua vida. O problema do antagonismo exterior só aparece na hora da auto-realização e não na hora do aprofundamento interior. Esse aprofundamento interior Lavelle até cita o trecho do Evangelho de Lucas onde diz que precisamos transpassar nosso coração com uma espada para descobrir o que há dentro. A fineza de auto-observação é muito importante. Você pode aproveitar os momentos em que está indo dormir ou acordando, que são momentos onde tudo que se agita dentro de você aparece com uma clareza particularmente notável, para saber quem você realmente é e o que realmente quer.

E, sobretudo, às vezes existem acontecimentos que nos traumatizam de modo que não queremos ver certa parte de nós, temos medo porque achamos que tem uma monstruosidade atrás. Não tem monstruosidade nenhuma. Ou seja, você precisa diluir essa resistência, estes blocos, e dizer: quero ver, quero saber. Não tenha medo de saber, você não é nenhum monstro, não é nenhuma deformidade ambulante. Por mais maluco que você seja, a sua maluquice vai sempre estar dentro daquilo que é possível à humanidade. Se você não for capaz de vencer este temor [1:30] interior de se auto-conhecer, também não poderá enfrentar o mundo externo. Aí tem realmente duas fases: a fase do aprofundamento interior depende apenas de você, na realização externa vão aparecer obstáculos. Nesse aprofundamento externo aparece obstáculo, mas de ordem puramente psíquica: são temores, restrições mentais, proibições etc. Temos de vazar tudo isto e realmente ir até ao fundo. Às vezes isso é como você de certo modo voltar à infância, é um processo de regressão ao centro: o que você é quando não existe nenhuma pressão externa, quando está totalmente livre? Para chegarmos lá, nós mesmos podemos criar obstáculos porque temos medo de que neste núcleo de liberdade possa haver uma monstruosidade escondida. Tudo isso aí é maluquice, isso aí não existe.

Aluno: Em Lavelle parece estar à chave para que eu resolva o meu problema com o conceito religioso de consentimento, mas ainda preciso de ajuda. Desculpe-me se me expressar mal, mas é que o assunto diz respeito a uma atitude sutil. Suponhamos que um sujeito tenha seus desejos pela mulher do vizinho, mas ao invés de ter relações com ela decide fazer outra coisa com esse sentimento: decide fazer algo com ele que seja a favor do seu próprio projeto de existência, por exemplo, pintar um quadro, escrever um conto ou compor uma música. No entanto, para que ele faça a música, pintura ou conto, ele tem de consentir com este sentimento de alguma maneira. (...)

Olavo: Se você tem horror do sentimento, se tem medo de tê-lo, já não pode manejá-lo, você já está prisioneiro dele. Muitas vezes a formação moral que você recebe faz você ter horror dos seus próprios sentimentos, dos seus próprios desejos, então você não confessa que tem, não pode admitir que aquilo é você, então daí travou tudo. Não se pode ter medo dessas coisas.

Aluno: (...) Ele tem de no mínimo consentir com a existência do sentimento – o que não tem como não se fazer, acredito, ou o sentimento existe ou não – e consentir que ele possa ser proveitoso de

alguma forma. No livro Confessai-vos bem, o padre mede o consentimento do sujeito pelo tempo. Se dá a um pensamento um tempo breve e logo retorna, então o pecado é venial; se você leva o pensamento até o fim (não sei o que é até o fim no caso de um pensamento), então o pecado é mortal. Mas isso de nada adianta se não se sei onde está a natureza do pecado pelo pensamento. O pintor católico Ismael Nery, por exemplo, que elaborou seus quadros sensuais, pecava pelo pensamento?

Olavo: Antes de saber se algo é pecado ou não, você tem de saber o que é. A consideração moral deve vir muito depois. Neste momento estamos tentando operar a conversão do exterior para o interior, ou seja, mudar a tela do seu mundo das aparências para a profundidade do seu ser. Isso aí, se você quer saber, é o primeiro mandamento, é amar a Deus sobre todas as coisas, porque Deus só existe na interioridade. Eu estou tentando me desinteressar do mundo e me interessar por aquilo que é de Deus; se eu não faço isso, não adianta cumprir os outros nove mandamentos. E se você fizer isto e, em seguida, começar a encarar os outros da mesma maneira que você está se encarando, ou seja, como forças criadoras que estão encobertas, então você está cumprindo o primeiro e o segundo mandamento, e já fez o essencial. O resto é só para ajudar. Agora, se você antepõe a perspectiva da regra moral a este autoconhecimento, então bloqueou tudo, não dá para fazer mais nada.

A minha sugestão é: entenda que a sua primeira obrigação é operar essa conversão e depois a sua compreensão do resto será profundamente modificada depois de você mudar a perspectiva. Por isto eu sugiro: não coloque esses problemas de julgamento moral no início. Se a pessoa está preocupada em não pecar contra a castidade, por exemplo, mas a perspectiva dela ainda é externa, ela está ignorando Deus, não está cumprindo o primeiro mandamento, então não adianta cumprir os outros. Isto me parece ser de uma obviedade extrema. No mundo não faltam pessoas para julgá-lo, para lhe dar lições de moral, para tentar corrigi-lo etc., sempre tem gente querendo fazer isso, mais isso só vai atrapalhar. Portanto, não faça isso com você mesmo. Você tem de ter alguma paciência consigo mesmo. Esse é um processo de conversão do mundo das aparências para o mundo da realidade espiritual mais profunda, e essa é a primeira obrigação do ser humano. Se ele não cumpre essa, o resto é besteira. E, no entanto, quando você está cumprindo, você vai falhar nas outras, mas não é o importante no momento. Você tem de ter alguma paciência.

Outra coisa: você não pode esquecer que a Igreja existe não é para punir os pecados, ela existe para perdoar os pecados. Isto quer dizer que você vai ter os pecados, então você não tem de se preocupar com isso. Você pecou, confessa, comunga e esquece tudo. Não é para se atormentar, dizer que agora tem de evitar o pecado. Para agir é preciso ser, então quem é você? É apenas um feixe de estados, de impressões, etc. e etc.? Então você já está no pecado vinte e quatro horas por dia, porque voltou as costas para Deus. Agora, quando você quer a interioridade, é lá mesmo que está Deus, então você está procurando o confronto com Ele, que é a admissão da sua verdadeira realidade sem os enfeites e disfarces: você está como se estivesse realmente diante da morte, por assim dizer. Se você está buscando isso, então está buscando Deus e cumprindo o primeiro mandamento. Não busque perfeição quantitativa, você vai se ferrar, não dá para fazer isso. Você não pode esquecer que as instituições religiosas, os mandamentos morais fazem parte do mundo, eles começam como ensinamento espiritual, mas ao longo do tempo vão se convertendo em hábitos, em valores sociais, em leis, em instituições, em órgãos policiais, em preconceitos etc., e criam uma montanha de obstáculos. Como você vai poder carregar tudo isso? Não dá para fazer, isso também faz parte do mundo, isso também é a mundanidade.

Noventa e nove por cento do nosso medo de cometer pecados é o medo de que falem mal de nós, e isso é terrivelmente dispersante. Por que na missa você começa confessando os seus pecados? Você já chegou lá todo errado, tudo tortos, então você admite isso no começo para que isso não atrapalhe

o resto. E mais adiante o que você diz? *“Não olheis para os nossos pecados, mas para a fé que anima a vossa Igreja”*. O que adianta pedir a Deus para não ficar olhando os seus pecados se você mesmo está olhando? Você está perdendo o seu tempo. O que importa é a interioridade, o que importa é a conversão profunda, e não se você cometeu esse ou aquele pecado. Essa preocupação quantitativa é para pessoas que estão num nível espiritual infinitamente maior que o nosso, em que ela pode então se exigir certas perfeições. Agora, começar por impor isso a você desde cara é bobagem.

Até semana que vem, muito obrigado.

Transcrição: Kênio Barros de Ávila Nascimento, Cynthia Leite, Jussara Reis de Abreu e Aramis José Pereira

Revisão: Felipe Mathews Nicolosi da Silveira